

NOTAS RELIGIOSAS

Costa Ribeiro

Antonio Carlos Villaça

Conheci Joaquim da Costa Ribeiro em agosto de 1947, na Universidade Católica. Era a Semana do Humanismo, e esse humanista receberá a missão de falar sobre as relações entre o humanismo e a ciência. Paulo Sá dissertaria sobre humanismo e técnica; San Tiago Dantas, sobre humanismo e direito; Guilherme de Azevedo Ribeiro, sobre humanismo e filosofia; Leonel Franca, sobre humanidades e humanismo (o atual prefácio da tradução do Ratio Studiorum, O Método Pedagógico dos Jesuítas).

Noquela manhã de agosto, nós nos reuníamos no salão da Universidade para ouvir a palavra do físico Joaquim da Costa Ribeiro. Como ele se sairia? O tema não era nada fácil. O homem afeito à ciência experimental, à pesquisa, aos dados concretos, seria capaz de formular filosoficamente? Seria capaz de abstrações? Seria capaz de ir além dos fenômenos e sua análise? O certo é que havia uma grande expectativa em torno da dissertação de Costa Ribeiro.

Quando eu o vi, não sei por que, tive a intuição ou a certeza de que ele se sairia muito bem. Talvez porque ele inspirasse confiança. Talvez porque a sua aparência, o seu jeito fosse tranqüilo. O professor Joaquim da Costa Ribeiro transpirava honestidade intelectual. Comunicava segurança. Era evidente que se ele aceitara dissertar sobre ciência e humanismo — é que se considerava capaz de fazê-lo razoavelmente.

* * *

A conferência — clara, precisa, concisa — repetia as lições de Maritain, sobretudo as de La Philosophie de la Nature. Mas logo se percebia que Joaquim da Costa Ribeiro assimilara perfeitamente aquilo tudo. Ele dominava o tema. E o expunha com desembaraço e modéstia.

Lá estava ele, sentado, a ler as suas fôlhas. Um homem baixinho, gordo, o cachimbo no bolso de cima do paletó — o inseparável cachimbo, que lhe acentuava o ar britânico. A cabeleira branca, precocemente. E aquela serenidade que o voz confirmava. Aquela harmonia. Aquela paz. Costa Ribeiro foi um testemunho admirável da possibilidade de conciliação entre a Ciência e a Fé religiosa. Foi um rigoroso, exato homem de ciência, um físico respeitado pela sua extraordinária qualificação profissional. E foi um católico militante, preocupado com o estudo dos problemas teológicos. Ciência e Fé nêle se harmonizavam, se completavam.

Não se fechou na sua especialidade. Não quis ser apenas um cientista. Humanismo e ciência — isto, que foi o tema da sua bela dissertação, era a sua própria vida. O físico Joaquim da Costa Ribeiro podia servir de ilustração — ilustração excelente — às teses de Maritain, propostas com sobriedade naquele dia de agosto. Foi, sobretudo, um homem. Teve nove filhos. E soube atravessar, com serena coragem, as difíceis muralhas da viuvez. Foi, então, que nasceu nêle o poeta. Costinha começou a escrever as suas nostalgias e as suas esperanças, submeteu os poemas a Tristão de Ataíde e, se teve a rara ventura de ouvir dos lábios do crítico que o autor dos poemas era, de fato, um poeta, não teve a felicidade de ver publicado o seu livro de estréia poética. Esperamos, agora, esse livro, composto aos cinqüenta anos por um grande físico — um sábio — que soube conservar a Fé, o espírito de infância, a simplicidade, a alegria e, sobretudo, a bondade.